

12 SET 1979

Sarney consulta Roberto Campos sobre a reforma

TRIBUNA DA IMPRENSA

BRASÍLIA — O senador José Sarney foi procurar em Roberto Campos inspiração para a reforma partidária, é o que se desprende do ai-moço de ambos, ontem no Hotel Nacional. Ao cafezinho, os repórteres se aproximaram para saber o que haviam tratado, mas nenhum dos dois quis falar sobre o que conversaram. O embaixador não disse coisa alguma, enquanto Sarney elogiava Roberto Campos e falava de reforma partidária, da Arena, das greves e outros assuntos, numa ótica otimista para cada problema.

P — Existe alguma tentativa da parte do governo na formação de um novo partido político?

Sarney — Nós temos um grande partido, e, evidentemente, a reformulação partidária.

Não visa de nenhuma maneira a dissolução da reformulação partidária, não visa de nenhuma maneira a dissolução das forças aglutinadas em torno desse partido. A nossa tarefa, portanto, é a de consolidar cada vez mais as nossas forças, preparando-as para a disputa do jogo democrático no quadro da nova realidade política brasileira. O governo já tem, já existe um grande partido. O problema é consolidar para que ele possa operar na abertura democrática, ocupando uma área definida no campo doutrinário.

P — O senador José Sarney acredita que são muitas as tendências dentro da Arena? Como seria, na prática, em sua opinião, o processo de acomodação das diferentes tendências?

Sarney — A Arena, hoje, exerce o sistema de democracia interna que assegura a todos os seus membros a absoluta liberdade de opiniões... (um partido político nunca pode aspirar unanimidade. O essencial é que todos as tendências existentes possam confluir num resultado final, para a unidade em torno do programa do partido e da ação do seu governo.

Qual seria a tarefa da Arena, na atual etapa da Abertura?

Sarney — Na pesquisa que fizemos no Congresso, há uma grande tendência para o adiamento das eleições de 1980, com a aceitação da tese da coincidência dos mandatos.

Como o presidente da Arena vê Pernambuco e Rio Grande do Sul, após a chegada de Miguel Arraes e de Leonel Brizola?

Sarney — A Arena não teme perda de votação eleitoral, uma vez que tanto um quanto o outro estão em áreas que não são nossas. O programa político de abertura possibilitou a votação da Lei da Anistia, que eles queriam. Nós esperamos que todos aqueles que foram anistiados aceitem as regras do jogo.

Na opinião do senador, por que se fala tanto em Arenão e Areneco?

Sarney — A Arena é o que existe, que é um partido do Governo, tendo prestado já grandes serviços ao País. E suas forças continuarão a prestá-lo. Existe a Arena, apenas. Nada mais.

Em que medida o embaixador Roberto Campos poderia ajudar, politicamente, à Arena?

Sarney — o embaixador é uma grande inteligência deste País, um homem de grande espírito público e as suas idéias não ajudam apenas a Arena. Representam a inteligência nacional.

O futuro político do Brasil foi abordado o ai-moço com o embaixador?

Sarney — Evidentemente, quando dois velhos amigos se encontram, é normal que se fale de todos os problemas, uma vez que eu sou político e o embaixador é um homem que tem grande sensibilidade política. Falamos, sim, de política.

O presidente da Arena admite que a volta de exilados dividirá a Oposição? De que forma? O Partido já dispõe de informações a respeito?

Sarney — Eles mesmos é que estão dizendo que não admitem entrar no MDB. Falam da entrada em outros partidos. As informações estão aí, nos jornais. A Arena está tranqüila, quanto à sua homogeneidade.

Qual a opinião do presidente da Arena sobre as greves dos últimos cinquenta dias?

Sarney — A greve é um legítimo direito do trabalhador. O essencial é que ele se comporte dentro da Lei, uma vez que o Estado de Direito é o Governo — é da Lei, e, não, dos homens. Sendo assim, o que desejamos é que acima de todos nos pareça a